

Fonética, Fonologia e o legado de Gisela Collischonn Phonetics, Phonology and the legacy of Gisela Collischonn

José Magalhães*

Nascida em Lajeado-RS, em dois de abril de mil novecentos e sessenta e quatro, de família luterana, Gisela começou, ainda jovem, a cantar em coros. Sempre apaixonada pela música, foi nesse contexto que conheceu seu marido, Manuel, músico e regente de coro. Na tenra juventude, remava, o que lhe conferiu braços invejavelmente fortes. Com uma singular delicadeza de comportamento e caráter, ela adorava também a delicadeza dos passarinhos, os quais sempre contemplava, sabendo nomeá-los todos.

Na contramão dos discursos sórdidos e propagadores de ódio que o Brasil vem presenciando ultimamente, muitas vezes reverberados por políticos, religiosos e setores da mídia, Gisela abominava qualquer discurso que se pautasse nesses vieses; também desprezava atitudes machistas, mas não se autointitulava feminista. Era ciumenta e defensora radical dos amigos, sem ser possessiva. Embora fosse conhecida por ter um paladar muito amplo (diziam que saboreava até pedra), não comia, sob qualquer circunstância, nem peito de frango nem peixe anjo.

Gisela era um ser humano de superior generosidade. Não era, todavia, uma generosidade artificial ou que vislumbrasse retorno. Seu interesse era genuíno pelo ser humano em sua essência, por seu comportamento, pelo que as pessoas pensavam e sobre como viam o mundo. Isso fazia dela uma criatura naturalmente despida de preconceitos de qualquer tipo; conseqüentemente, rejeitava com rigor aqueles que detinham preconceitos de qualquer natureza.

Curiosa, compenetrada e pesquisadora incansável, Gisela concluiu, em 1987, seu curso de graduação em Letras/Licenciatura com habilitação em português e inglês, na Universidade

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Mestrado e Doutorado) e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

Federal do Rio Grande do Sul, para onde voltaria poucos anos depois, como professora efetiva. Isso após concluir o mestrado (1993) e o doutorado (1997), ambos na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob orientação da Professora Leda Bisol. Em sua dissertação de mestrado, realizou o primeiro grande estudo (talvez o mais importante até hoje) sobre o acento secundário no português brasileiro com base no modelo de fonologia métrica de Halle e Vergnaud (1987). No doutorado, voltou-se para a descrição da estrutura da sílaba no português brasileiro, debruçando-se sobre os modelos não-lineares, especialmente, o proposto por Itô (1986, 1989), avaliando ser este mais econômico e mais restrito do que os modelos que operam com regras de silabação. Ainda em sua tese, Gisela fez um amplo estudo sobre a epêntese vocálica em português, como nos casos de [pnew] ‘pneu’; [pɛpsi] ‘Pepsi’ e [klubɪ] ‘clube’, respectivamente epêntese na sílaba inicial, na medial e na final. Adotando a proposta de Pigott (1995), concluiu que sílabas epentéticas não têm peso, o que as tornam invisíveis às regras de acento em português; outra conclusão importante acerca da epêntese é que este processo ocorre no léxico e, portanto, deve ser submetido às regras de natureza lexical. A importância de suas pesquisas de mestrado e doutorado ecoou por anos seguidos e, mesmo nos dias de hoje, qualquer investigação séria que se volte para estudos de acento e sílaba no português deve, necessariamente, retomar os trabalhos de Collischonn como suporte indispensável para novas análises. Por exemplo, Collischonn (1993) é referência fundamental para o recente estudo sobre o acento nas variedades brasileira e europeia do português, em Magalhães (2016).

Defendida a tese de doutorado em 1997, ela não se acomodou. Sua aptidão como investigadora contumaz rendeu-lhe inúmeros projetos de pesquisa. Coordenou e concluiu importantes projetos, tais como: i) Variação da epêntese no português do sul do Brasil, em que se propôs a contribuir para uma caracterização mais precisa da frequência e dos modos de ocorrência da epêntese vocálica no Português Brasileiro (variedades da região sul do Brasil abrangidas pelo Projeto VARSUL), o que permitiria uma avaliação da adequação descritiva das análises teóricas propostas para a fonologia do português brasileiro; ii) Realização variável da vogal em contextos SC iniciais, em que realizou um estudo quantitativo da epêntese vocálica como fenômeno variável no português falado na região sul do Brasil, considerando a realização variável da vogal em início de palavra, antecedendo sequências de /s/ + outra consoante, como em ‘spa’, ‘skol’, ‘estoque’; iii) Padrões de acento na poesia brasileira, em que investigou o ritmo de acento na poesia, partindo das categorias linguísticas propostas pelas teorias fonológicas do acento e dos constituintes prosódicos; iv) Regras fonológicas variáveis e

fonologia lexical do português, em que buscou reanalisar o comportamento de determinadas regras fonológicas variáveis do português brasileiro, almejando obter um enquadramento dessas regras dentro de uma perspectiva abrangente da organização do componente fonológico da língua; v) Processos vocálicos no PB: resolução de hiato na palavra e na frase, quando investigou os processos fonológicos que se aplicam a sequências de vogais na fronteira entre palavras e no interior destas, no português, focalizando a aplicação dos fenômenos em fronteira de palavras na língua falada e seus fatores condicionadores, a aplicação destes fenômenos e/ou seu bloqueio internamente às palavras e a compreensão dos constituintes prosódicos e/ou morfológicos que limitam ou determinam a aplicação dos fenômenos. Por último, estava à frente de dois projetos de pesquisa simultaneamente, a saber: juntamente com a Professora Sônia Frota, coordenava o projeto “Atlas Interactivo da Prosódia do Português”, e, em parceria com sua ex-orientanda de doutorado, Juliana Escalier Ludwig Gayer, coordenava o projeto “Fonologia do nível da frase: a proeminência acentual/tonal e processos de resolução de hiato”.

Em sua breve, porém profícua carreira, Gisela trabalhou com garra e dedicação, tendo publicado vinte e seis artigos em periódicos nacionais e internacionais e vinte e dois capítulos de livro; soma-se a esta vasta produção a edição/organização de muitos livros e revistas acadêmicas, a participação em dezenas de congressos, publicação de trabalhos em anais, organização de eventos importantes para o cenário linguístico nacional e internacional.

Gisela nos deixa ainda seu legado como formadora de novos pesquisadores em todos os níveis: orientou dezessete trabalhos de iniciação científica, dez trabalhos de conclusão de curso de graduação, quatro teses de doutorado e treze dissertações de mestrado. Infelizmente, quis o destino que fosse interrompida a orientação de mais um trabalho de iniciação científica, três teses de doutorado e uma dissertação de mestrado, quando, na manhã do dia 15 de junho de 2016, em Porto Alegre, deixou-nos e foi transferida para outro plano. Contudo, sua presença permanecerá entre aqueles que com ela conviveram, que simplesmente a conheceram ou que tiveram e terão contato com ela por meio de seu trabalho. As emocionantes palavras do Professor Luiz Carlos Schwindt, amigo-irmão, colega e parceiro inseparável de Gisela, traduzem de forma precisa o grande ser humano que não está mais fisicamente conosco: “Era generosa. Profundamente generosa. Sábia. Profundamente sábia. Sensível. Profundamente sensível. Gisela olhava igualmente para uma pessoa com muitos títulos e para um estudante de início de curso. Interessavam-lhe as ideias, e estabelecia relações entre as diferentes ideias com destreza invejável. No meio disso tudo, sentia. E expressava seu sentimento com a timidez

desajeitada dos artistas. Sim, a arte foi sempre parte essencial de sua vida e se casou lindamente com a fonologia que praticou”.

Somos cientes de que qualquer homenagem que se faça à Gisela é algo muito pequeno diante da grandeza do ser humano que ela foi. Mesmo assim, dedicamos-lhe este volume da revista Domínios de Lingu@gem, que reúne trabalhos de membros do Grupo de Trabalho de Fonética e Fonologia da Anpoll, cuja existência, produtividade e atuação na linguística nacional também é devida à nossa Gisela Collischonn, que esteve à frente do Grupo por quatro anos, em um trabalho conjunto com a Professora Thaís Cristófaró Silva (UFMG).

Este volume reúne doze artigos inéditos de autoria de pesquisadores brasileiros que têm se dedicado aos estudos de Fonética e de Fonologia, seja do ponto de vista descritivo, seja abordando diferentes dimensões teóricas dos mais recentes modelos e instrumentos de análise.

Para a abertura deste volume, como forma de deferência não apenas pelo seu trabalho, mas também por sua proximidade com Gisela Collischonn, apresentamos o trabalho de Luiz Carlos Schwindt, *Sobre a preservação de expoentes morfológicos da fonologia variável do português brasileiro*. Há muitos anos, o autor vem investigando fenômenos de natureza morfofonológica no português, com trabalhos caracterizados por uma criteriosa análise de dados e profundas reflexões teóricas. Também um olhar atento a questões relativas à variação no português brasileiro perpassa vários trabalhos do autor. Neste artigo, Schwindt aborda dois fenômenos variáveis conhecidos no português brasileiro: a desnasalização de ditongos átonos finais, caso de “homem ~ homi”; “pedem ~ pedi”, e o apagamento de ‘r’ em coda final tônica, caso de “amor ~ amoØ”; “amar ~ amaØ”, como evidências de que expoentes de morfemas monossegmentais são mais protegidos contra apagamentos do que porções fonológicas distribuídas em unidades morfológicas maiores. Para tanto, o autor parte do pressuposto de que processos fonológicos variáveis podem acessar informações morfológicas, apresentando três questões norteadoras de suas investigações: (i) expoentes de morfemas monossegmentais são protegidos de – ou são menos suscetíveis a – apagamentos variáveis? (ii) pode-se falar em efeitos compensatórios no caso de apagamento de morfemas? Nesse sentido, há, de fato, apagamento, ou se trata de processo gradiente que deixa resíduo fonético? (iii) quais as alternativas para lidar formalmente com a proteção ao apagamento de morfemas? Após discutir os fenômenos apresentados e refletir sobre estas questões, propõe-se uma formalização na perspectiva da Teoria da Otimidade, pelo viés da teoria da correspondência (McCARTHY; PRINCE, 1995).

O segundo artigo – *O mapeamento fonético-fonológico das vogais postônicas finais no português brasileiro* – de Carmen Lúcia Matzenauer, retoma uma reflexão de Camara Jr (1970), segundo a qual o funcionamento das vogais átonas é um dos problemas mais intrincados da fonêmica portuguesa no Brasil. Tão certo estava Camara Jr que, ainda hoje, existem inúmeras investigações com o objetivo de descrever a riqueza dos fenômenos, por vezes, variáveis que têm como alvo as vogais átonas do português brasileiro. Em seu trabalho, Matzenauer traz à tona o subsistema átono final /i, u, a/ de modo a ponderar sobre tipologias de línguas, sobre o processo de aquisição da linguagem, e também o mapeamento entre os níveis fonético e fonológico dessas vogais, a partir de dados de produção e de percepção dos segmentos vocálicos por falantes nativos de português do Brasil. Para a análise dos dados, a autora se vale do Modelo Bidirecional de Processamento de Língua Materna – BiPhon – proposto por Boersma (2007, 2011) e Boersma e Hamann (2009). Ao final, são apresentados quatro tipos de evidências que podem oferecer suporte para a escolha do subsistema de três vogais átonas finais.

Na sequência, o trabalho de Arthur Pereira Santana – *Uma abordagem fonológica para as postônicas médias não-finais* – continua a tratar das vogais átonas do português brasileiro. Diferentemente de Matzenauer no artigo anterior, que tratou do subsistema átono final, Santana volta-se para as vogais médias em sílaba átona postulando que, enquanto diversos estudos a respeito do vocalismo no português brasileiro tratam das vogais em posição pretônicas, as postônicas não-finais carecem de análises que consigam captar formalmente fatos como a alternância entre médias-altas e altas em todos os dialetos do País. O autor trabalha com dados de fala controlada, via experimentos, de vinte informantes de São Paulo (SP) e vinte de São Luís (MA), objetivando comparar os resultados na busca de similaridades e diferenças entre os dois dialetos. Ressalta-se, contudo, que a opção foi discutir apenas variáveis de natureza fonológica, quais sejam: ponto de articulação da vogal tônica, o ponto de articulação da vogal átona final, o ponto de articulação do contexto fonológico precedente, o ponto de articulação do contexto fonológico seguinte, a altura da vogal tônica e a altura da átona final.

No artigo *A estrutura silábica em esperanto*, Karina Gonçalves de Souza de Oliveira começa fazendo um preâmbulo acerca das razões por que existem as línguas planejadas; no caso do esperanto, para servir de língua auxiliar internacional. O objetivo primeiro do trabalho é retomar a literatura fonológica desta língua a fim de realizar uma discussão sobre sua estrutura silábica, ao que a autora conclui ser, no esperanto, maximamente (C)(C)V(C)(C). Para

caracterizar a organização interna do constituinte sílaba, buscaram-se construtos teóricos já canônicos na literatura, tais como Ataque e Coda.

Geovana Soncin e Luciani Tenani, em *Variações de F0 e configurações de frase entoacional: análise de estruturas contrastivas*, consideram questões relativas ao fraseamento prosódico de sentenças e ao modo como diferentes fraseamentos alteram os contornos da entonação, para descreverem as variações de F0 em sentenças de mesma sequência segmental, mas que se diferem estruturalmente da frase entoacional. Em especial, o trabalho busca verificar de que modo os parâmetros acústicos de F0 contribuem para a configuração de sentenças nas quais uma mesma cadeia segmental pode se organizar em diferentes frases entoacionais, considerando-se a alteração de suas fronteiras internas à mesma sequência sintática, em função dos componentes semânticos que as perpassam, como (i) a. não espere; b. [não espere]; c. [não] [espere] e (ii) a. isso só ele resolve; b. [isso] [só ele resolve]; c. [isso só] [ele resolve]. Para desenvolver seu trabalho, as autoras valem-se, metodologicamente, da fonologia de laboratório, enquanto que as pressuposições teóricas estão alicerçadas na Fonologia Prosódica, de Nespor e Vogel (1986).

No artigo *Análise perceptiva e acústica em fonética forense: uma pesquisa em disfarce de voz*, Maria Lúcia de Castro Gomes, Denise de Oliveira Carneiro e Andrea Alves Guimarães Dresch envolvem-se em métodos de análise perceptiva e acústica para introduzirem alunos de graduação em Letras no campo da fonética forense. Para tanto, comparam a voz de cinquenta falantes, distribuídos em gênero e em faixa etária, na simulação de um telefonema para pedido de resgate por sequestro, em vozes normais e disfarçadas, a partir de um texto com setenta e cinco palavras. Os resultados obtidos a partir dos experimentos realizados levam as autoras à conclusão de que é necessário que mais pesquisadores invistam em abordagens multidisciplinares na análise de fala em fonética forense.

Na sequência, Vera Pacheco, Marian Oliveira e Tássia da Silva Coelho, no artigo *Salvador, Vitória da Conquista e Teófilo Otoni: cidades e falares diferentes? Uma análise discriminante da F0*, voltam-se à investigação das vogais /i/, /a/ e /u/, agora a partir de parâmetros acústicos, observando sua realização em sílabas tônicas e pretônicas. As autoras buscam, assim, avaliar o papel da frequência fundamental F0 na delimitação dos falares de três cidades, a saber, Teófilo Otoni, no noroeste de Minas Gerais; Vitória da Conquista, no sudoeste da Bahia; e Salvador, a capital da Bahia, localizada mais ao norte deste estado. Justificando-se pelo fato de essas três cidades terem algum elo de natureza social, Pacheco, Oliveira e Coelho

questionam se esses três importantes centros populacionais podem ter outro tipo de elo revelado por F0, perseguindo a hipótese de que falantes de Vitória da Conquista teriam padrão de F0 intermediário entre o padrão dos falantes de Teófilo Otoni e o dos soteropolitanos, já que a primeira cidade recebe, costumeiramente, cidadãos das outras duas. Sobre isto, concluem que o falar conquistense pode ser caracterizado como baiano-mineiro. O quadro de informantes compõe-se de seis sujeitos de 25 a 40 anos, sendo um homem e uma mulher, naturais e sempre residentes, de cada uma das cidades e com nível superior de escolaridade, finalizado ou em andamento.

O trabalho *A aquisição do sistema vocálico do português por falantes nativos da variedade rio-platense de espanhol: uma discussão sobre a bidirecionalidade da transferência vocálica*, de Leticia Pereyron e Ubiratã Kickhöfel Alves, parte da perspectiva dinâmica que avalia a língua como um sistema adaptativo complexo, em que mudanças se dão em ciclos contínuos e ilimitados, para verificar esse dinamismo no que respeita a aquisição do português brasileiro porto alegreense (L2) por falantes do espanhol rio-platense (L1). Com isso, os autores pretendem investigar de que modo uma língua adquirida posteriormente – o português – influencia sobre o sistema materno – o espanhol, vislumbrando identificar a possibilidade de transferência bidirecional (L2-L1 e L1-L2) entre esses sistemas. Para tanto, os autores comparam os sistemas vocálicos (valores de F1, F2 e duração) de falantes monolíngues de espanhol rio-platense, residentes na Província de Buenos Aires (Argentina), com a produção, em espanhol (L1) e português (L2), por falantes deste mesmo dialeto de língua-materna, residentes na cidade de Porto Alegre.

No artigo *A Aquisição Fonológica Variável da Nasal Velar por Aprendizes de Inglês-L2: Análise pela Teoria da Otimidade Estocástica*, Athany Gutierrez busca, no algoritmo de aprendizagem da chamada Teoria da Otimidade Estocástica (BOERSMA; HAYES, 2001), elementos para realizar uma análise da aquisição da consoante nasal velar /ŋ/ do inglês (L2) por aprendizes falantes do português brasileiro (L1). Considerando que as nasais em posição de coda em inglês possuem estatuto de fonema, dada a sua função distintiva neste sistema, o que não acontece no português brasileiro, a investigação é norteadada pelo questionamento acerca de como acontece a aquisição da consoante velar na interlíngua português-inglês. O *corpus* adveio da fala gravada de aprendizes de inglês, divididos em um grupo com cinco informantes de nível básico e outro com cinco estudantes de nível pré-intermediário. No total, foram gravadas dez

horas de fala de cada grupo em encontros de conversação, sendo o *corpus* tratado conforme a análise variacionista laboviana.

Leonice Passarella e Rosane Silveira, no trabalho *Nuclear stress placement by Brazilian users of English as an international language*, trazem à tona importante discussão acerca da competência de falantes de inglês como língua internacional. O trabalho apresenta resultados de um estudo piloto destinado a investigar o modo como o acento nuclear fora produzido por falantes brasileiros em nível intermediário de proficiência de inglês em interação com outros falantes brasileiros de inglês, estes como ouvintes. Após a produção de cento e sessenta assertivas gravadas em áudio, as autoras recorreram ao *software* Praat de modo a efetuarem uma descrição acústica e auditiva dos dados, visando verificar se o acento nuclear fora corretamente alocado conforme os contextos discursivos; disso concluíram que os falantes demonstraram dificuldades nessa tarefa, o que pode comprometer a forma como esses mesmos falantes são interpretados quanto interagindo em inglês.

No artigo *Adaptações fonológicas na pronúncia de nomes comerciais com elementos do inglês no Brasil*, Natália Cristine Prado também traz a língua inglesa como central para sua investigação. A autora busca analisar a formação de nomes comerciais com elementos do inglês em português brasileiro, atentando para como os empréstimos se comportam fonologicamente na língua falada no Brasil, especialmente nos casos em que se percebe a ocorrência de epêntese e apagamento de algum elemento. Nomes como *Libertway Motel*, *Click Computadores*, *Fast Printer*, *Baby Shop*, *Big Mix* e *Clean Plus* são alguns exemplos que se encontram no *corpus* analisado. Prado observa que o falante do português brasileiro tende a realizar epênteses e apagamentos para “resolver” as sílabas inglesas que não são possíveis nessa língua; observou ainda que o apagamento ocorre bem menos que a epêntese, o que leva à conclusão de que, para salvaguardar a estrutura interna da sílaba em português, o falante brasileiro prefere utilizar com estratégia a inserção de elementos.

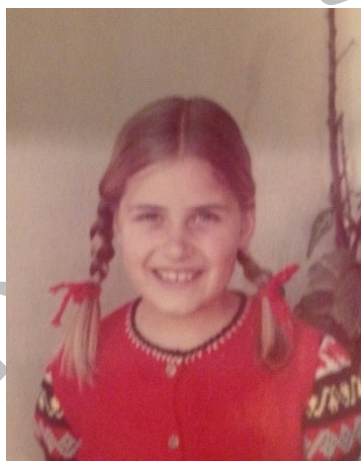
Fechando os doze artigos que compõem este volume da revista *Domínios de Lingu@gem*, edição especial de Fonética e Fonologia dedicada a Gisella Collischon, Reiner Vinicius Perozzo e Ubiratã Kickhöfel Alves, no artigo *Uma discussão acerca da aplicação do Perceptual Assimilation Model-L2 à percepção fônica de língua estrangeira: questões de pesquisa e desafios teóricos*, voltam-se à pesquisa com dados de percepção. Os autores iniciam seu trabalho com um breve histórico acerca dos estudos de percepção da fala, referindo, ao final desta introdução, a preponderância de três modelos perceptuais da fala não nativa no âmbito

das pesquisas nacionais, entre os quais é dada especial atenção ao PAM-L2, ou Modelo de Assimilação Perceptual da Aprendizagem da Fala em Segunda Língua (BEST; TYLER, 2007), cujo foco recai sobre aprendizes de uma segunda língua (L2) que estão adquirindo o sistema fônico alvo, com o postulado fundamental de que a aprendizagem perceptual é determinada por princípios diferentes daqueles do idioma materno. O objetivo central do artigo é apontar possíveis alterações ao PAM-L2, de modo que este dê conta da percepção fônica em contexto de línguas estrangeiras.

Todos os artigos acima apresentados revelam a solidez dos estudos em Fonética e Fonologia que têm sido desenvolvidos no Brasil, especialmente no âmbito do Grupo de Trabalho da Anpoll. Esperamos que os trabalhos aqui presentes sejam sempre consultados para que sirvam de alicerce a novas pesquisas, o que, certamente, dará continuidade ao legado de Gisela Collishonn, pesquisadora responsável pela refundação do GT, à frente do qual esteve por quatro anos.

Por fim, novamente saudamos e homenageamos nossa colega Gisela que tão cedo partiu. Contudo, apesar do pouco tempo que esteve entre nós, deixou-nos um imensurável legado de generosidade, sabedoria e competência que permanecerá sempre vivo em nossas lembranças e que este volume da Revista Domínios de Lingu@gem contribui para eternizar.

À Gisela Collishonn



☆ 02 de abril de 1964
(Lajeado, RS)



† 15 de junho de 2016
(Porto Alegre, RS)

Referências

- BEST, C.; TYLER, M. Nonnative and Second-Language Speech Perception: Commonalities and Complementarities. In: BOHN, O.; MUNRO, M. (Orgs.). **Language Experience in Second Language Speech Learning: In honor of James Emil Flege**. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- BOERSMA, P. Cue constraints and their interactions in phonological perception and production. Rutgers Optimality Archive 944, 2007.
- BOERSMA, P. A programme for bidirectional phonology and phonetics and their acquisition and evolution. In: BENZ, A. & MATTAUSCH, J. (eds.) **Bidirectional Optimality Theory**, 33-72. Amsterdam: John Benjamins, 2011
- BOERSMA, P.; HAMANN, S. In: CALABRESE, A.; WETZELS, W. L. (eds.) **Loanword phonology**. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- BOERSMA, P.; HAYES, B. Empirical Tests of the Gradual Learning Algorithm. **Linguistic Inquiry** 32, p. 45-86, 2001.
- CAMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COLISCHONN G. **Um estudo do acento secundário em português**. Dissertação (mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- COLISCHONN, G. **Análise prosódica da sílaba em português**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- HALLE, M.; VERGNAUD, J. R. **An essay on stress**. Cambridge, Mass.: Mit Press, 1987.
- ITÔ, J. **Syllable Theory in Prosodic Phonology**. Tese de doutorado. University of Massachusetts, 1986.
- ITÔ, J. A Prosodic Theory of Epenthesis. **Natural Language and Linguistic Theory**, 1989.
- MAGALHÃES, J. Main stress and secondary stress in Brazilian and European Portuguese. In WETZELS, W. L; MENUZZI, S.; COSTA, J. (eds) **The handbook of Portuguese linguistics**. Wiley-Blacwell, 2016, p. 107-124.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht, Holanda: Foris, 1986.
- PIGOTT, G. Epenthesis and syllable weight. **Natural Language and Linguistic Theory**, v.13, p. 283-326, 1995.